

## (MULTI) LETRAMENTOS NA SALA DE AULA: TENSÕES E CONTRADIÇÕES

Rosiane Pimenta Borges<sup>1</sup>

*Resumo:* Com o advento das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), o uso das tecnologias digitais no processo de ensino-aprendizagem tem sido um grande desafio para os estabelecimentos de ensino se adequarem a nova realidade. A escola, enquanto espaço de aprendizagem, precisa estar aberta para as múltiplas possibilidades de produção e recepção de conhecimentos e também explorar as diversas formas do uso social da leitura e da escrita que esse espaço oferece. Além disso, é preciso problematizar o uso das tecnologias digitais nesse espaço; atentar para a forma como se agencia o olhar na produção do objeto de estudo, isto é, como se deve pensar o uso das tecnologias digitais nas práticas escolares: como um dispositivo de controle, no qual poucos ainda têm acesso, questionando o uso, a partir da produção; ou se estamos simplesmente reproduzindo tudo o que já foi dito, reforçando ainda mais a sua hierarquização. Desse modo, o objetivo desse estudo é discutir o uso das tecnologias digitais nas práticas escolares e problematizar de que maneira isso pode impactar (ou não) para o letramento digital dos estudantes. A pesquisa será desenvolvida no colégio Modelo Luis Eduardo Magalhães, no município de Alagoinhas (BA), e o *corpus* da pesquisa será constituído por professores e estudantes. A metodologia de investigação seguirá uma orientação qualitativa de pesquisa de cunho Etnometodológico e a coleta de dados dar-se-á através da pesquisa de campo, observações e entrevistas estruturadas. O estudo da pesquisa apoiar-se-á em Mignolo (2008), Bachelard (1996), Kleiman (2003), Lévy (2009), dentre outros. Espera-se que esse estudo possa colaborar para aberturas e enfrentamentos no modo do fazer científico em torno dos Estudos Culturais.

*Palavras-Chave:* Crítica Cultural. (Multi) letramentos na sala de aula. Novas Tecnologias. Tensões e Contradições.

### INTRODUÇÃO

À princípio, o objeto de estudo parte da hipótese de que o letramento não se refere apenas ao processo da leitura e da escrita, mas as diversas práticas de interação social que podem ocorrer dentro e fora do contexto escolar. Segundo Kleiman (2003, p. 20), “o fenômeno do letramento extrapola o mundo da escrita tal qual ele é concebido pelas instituições que se encarregam de introduzir formalmente os sujeitos no mundo da escrita”. Desse modo, propõe a autora, o letramento pode acontecer em vários espaços e de forma bem diferente do que normalmente é legitimado nas escolas. O ambiente escolar, nesse sentido, seria apenas um dos meios de letramento, dentre vários outros existentes.

Situadas no contexto da sociedade contemporânea, o uso das tecnologias digitais nos mais variados espaços de construção e (des)construção de conhecimentos, pode potencializar diferentes modos de ler e formas de escrever, constituindo, assim, uma ferramenta significativa para a

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, Universidade do Estado da Bahia (Pós-Crítica/UNEB), Linha de Pesquisa: Letramento, Identidades e Formação de Educadores. Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Maria Neuma Mascarenhas Paes. Endereço eletrônico: rosii\_ane@hotmail.com.

construção da autoria, da escrita colaborativa e também da formação de um sujeito culturalmente multifacetado dentro desse processo.

Acredita-se que a escola é a principal responsável para oportunizar o contato do aluno com os multiletramentos, isto é, o contato dele com diferentes suportes e mídias de textos escritos e não ficar restrita somente ao uso do texto impresso como se apenas através dele houvesse aprendizagem, de fato, significativa.

O interesse por esse assunto, justifica-se, pessoalmente, por representar uma continuidade de inquietações e estudos realizados no curso de graduação em Letras, pela Universidade do Estado da Bahia, desde o ano de 2007. Durante o curso me apropriei dos estudos da leitura, da escrita e das práticas de letramento em suas múltiplas interfaces. Pretendia com isso refletir sobre os processos de ensino e aprendizagem, as suas implicações no campo da educação, assim como problematizar de quais formas essas práticas interagem e se articulavam dentro e fora do contexto das relações sociais.

Posteriormente, como discente no curso de Pós-Graduação em Mídias na Educação, pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, no ano de 2011, tive a oportunidade de realizar diversos estudos e leituras sobre o uso das tecnologias digitais na sala de aula, observando as possibilidades de aprendizagem que emergiam diante delas.

Enquanto professora e agente do letramento, comecei a (re)pensar como eu poderia articular tudo o que eu vinha aprendendo e agregar nas atividades cotidianas da escola em que lecionava na disciplina de Língua Portuguesa. O objetivo era fazer com que os meus alunos participassem das várias práticas sociais que utilizavam a leitura e a escrita. Paralelamente, comecei a elaborar nesse ambiente, projetos, propostas de atividades e planos de aulas referentes aos estudos das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC).

A minha prática no contexto da sala de aula foi de grande relevância para a construção de um novo olhar diante do que eu vinha pesquisando. E mesmo alcançando resultados significativos no meu ambiente de ensino, naquele momento, pude constatar que os entraves foram desafiadores no desenvolvimento da pesquisa. A escola ainda consegue minimizar certas práticas de letramento e isso me fez perceber que existe um longo caminho a ser percorrido quando se fala em trabalhar com as tecnologias digitais na sala de aula. E foi com esse objetivo de investigar mais atentamente o porquê disso e quais as subjetividades imbricadas nesse processo, que nasceu, a priori, esse estudo.

Como discente do Programa de Mestrado em Crítica Cultural (UNEB) e encorajada por essas inquietações, passei a confrontar o que eu já vinha pesquisando, as tecnologias digitais, com os

estudos da Crítica Cultural, observando, assim, as possibilidades de aproximações, tensões e fricções que emergiam diante delas, afinal pensar como Crítica Cultural é esvaziar todo o seu discurso e partir literalmente para uma guerra que começa através da sua linguagem e isso não é fácil, principalmente, quando precisa desmontar com discursos hierárquicos e hegemônicos construídos no decorrer da sua vida acadêmica.

E foi a partir dessa demarcação e à luz da crítica cultural que surgiram outras inquietações que redesenham o meu objeto de pesquisa e o modo como eu pensava as práticas de letramento digital na sociedade, tais como: que conceito eu tenho de cultura digital? Como a cultura digital me constitui, enquanto sujeito? Como pensar o uso da tecnologia como um dispositivo de controle e ao mesmo tempo uma ferramenta da crítica cultural? De que forma o uso das tecnologias digitais é realmente efetivo nas práticas escolares? Como as escolas e os professores veem o uso da tecnologia? Que recepção os meus alunos têm de leitura e escrita a partir do uso dessas ferramentas? Como o uso das tecnologias digitais na sala de aula pode impactar (ou não) o modo de vida dos estudantes, contribuindo, assim, para o seu letramento digital?

Mignolo (2008), em *Desobediência epistêmica*, nos convida a pensar na necessidade de uma desobediência teórica como o principal caminho de mudança, pois os elementos da colonialidade ainda são encontrados no padrão de conhecimento hegemônico da sociedade atual.

Para o autor, “o caminho para o futuro não pode ser construído das ruínas e memórias da civilização ocidental e de seus aliados internos” (p. 290). Logo, atrevo-me a dizer que nós, enquanto pesquisadores, devemos desconfiar das nossas certezas, do que está pronto e enraizado e romper constantemente com os paradigmas, provocando pequenos abalos sísmicos na nossa forma de ver e estar no mundo.

Desse modo, apresentarei nesse *paper*, ainda que de forma breve, algumas reflexões do meu projeto de pesquisa, amparado pelas minhas inquietações constituídas no decorrer do Programa da Crítica Cultural, das discussões construídas durante as aulas e nos Seminários Interlinhas, além do olhar teórico de alguns estudiosos que agenciam essas questões.

## **O CIBERESPAÇO: ESPAÇO DE TRAVESSIAS E DESLOCAMENTOS**

A presença dos recursos tecnológicos na sociedade, especificamente a internet, vem moldando a maneira dos indivíduos se comunicarem, se relacionarem e construírem conhecimentos. O homem, a partir dessa interação, constrói a realidade comunicacional, instaura novos

conhecimentos e reescreve a sua história a partir das diversas potencialidades que as Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) apresentam neste contexto.

A cibercultura ou cultura digital caracteriza-se por um espaço de interações que tem provocado constantes trocas simbólicas nas maneiras de pensar e conviver na sociedade. A comunicação se dá através de nós de conexões e desmaterialização do espaço e do tempo, deslocando não somente objetos e corpos, mas também pensamentos e fluxos comunicativos em rede. Como assinala Lévy (2009, p. 49), “É virtual toda entidade ‘desterritorializada’, capaz de gerar diversas manifestações concretas em diferentes momentos e locais determinados, sem, contudo, estar ela presa a um lugar ou tempo em particular.”

A multiplicidade semiótica de constituição e circulação dos textos ancorada pela tecnologia digital e o seu aparato de recursos tecnológicos, como *smartphones*, *notebooks* e a rede *web*, aponta para a construção de uma cultura formada por sujeitos fluidos e cambiantes que transitam em diferentes espaços ao mesmo tempo. A identidade dos sujeitos a partir desse emaranhado de conexões torna-se instável, principalmente, pelo fato das redes de interfaces serem abertas e flutuantes, o que pode transformar os seus contextos de significados e usos.

Nesse sentido, se o uso das tecnologias digitais contribuiu para a aproximação das pessoas e se constituiu como um relevante veículo de informação e comunicação, possibilitando novos contextos de relações sociais e culturais ativas; em contraponto, se tornou também um objeto de constante problematização e contradição, uma verdadeira máquina de guerra e de controle social que desde muito cedo invade as nossas vidas e impõe de forma determinista maneiras de pensar, formas de se relacionar e padrões de consumir, ou como dizia Baudrillard (1981), “vivemos numa teia de simulacros que exercem poder real sobre as nossas vidas.”

Nessa linha, não podemos perder de vista o caráter crítico e a intencionalidade dessa Pesquisa, das construções subjetivas que estão imbricadas nesse processo da escrita, afinal pensar como Crítica Cultural é esvaziar todo o seu discurso e partir, literalmente, para uma guerra que começa através da sua linguagem.

Por outro lado, de acordo com Boaventura de Sousa Santos (2005), vivemos no campo de possibilidades e dentro desse campo precisamos criar outras alternativas e outros modos de vida possíveis que apontem para além do que já existe. Por isso, depreende-se da ideia do autor, a importância de pensar também nas coisas como construções abertas e desmontáveis, fazer novos arranjos de ressignificação. Precisamos sim nos deter nas condições que nos são dadas, mas ir além delas. Potencializá-las e ressignificá-las.

Do mesmo modo, Deleuze e Guattari (1995) criaram o conceito de rizoma para se referir à teoria do método das multiplicidades. “O rizoma não é um objeto de reprodução”, funciona como o ponto de partida para se pensar nas multiplicidades. “O rizoma procede por variação, expansão, conquista, captura, picada”. Numa perspectiva rizomática, “não começa nem conclui, se encontra sempre no meio, entre as coisas”. O rizoma não fixa pontos e nem ordens, há apenas linhas e trajetos de diversas semióticas, estados e coisas, e nada remete necessariamente a outra coisa.

Dessa forma, pode-se inferir da ideia dos autores que o nosso olhar deve ser metodologicamente rizomático, isto é, aberto para as múltiplas possibilidades de criação, construção e reconstrução de sentidos. O fazer científico deve ser completamente desmontado, esvaziado, constantemente deslocado e reinventado, como um mapa aberto que está sempre se modificando, “plenamente reversível, conectável, sem início e nem fim”. Precisa, sobretudo, circular por outros territórios e descentralizar com os limites discursivos e hierárquicos da aprendizagem.

Sendo assim, por que não pensar também o uso das mídias digitais como um elemento importante na produção e circulação do conhecimento? Por que não discutir o uso das tecnologias digitais e a sua relação com o letramento na contemporaneidade? Por que não trazer uma reflexão das relações de poder que se configuram nesses novos espaços sociais, a partir do uso dessas ferramentas?

Segundo Bachelard (1996), em *A Formação do espírito científico*, ao longo da nossa pesquisa, nos deparamos com vários obstáculos epistemológicos que muitas vezes impedem um olhar crítico e um espírito científico. Um desses obstáculos, segundo o autor, seria o conhecimento geral das coisas, o predomínio de um olhar generalizado, um encantamento de ideias vagas. Por isso, subentende-se da ideia do autor, que ao longo da nossa produção, é necessário romper com os continuísmos, desmontar com os obstáculos epistemológicos e pensar nas coisas como construções abertas.

[...] toda cultura científica deve começar, como será longamente explicado, por uma catarse intelectual e afetiva. Resta, então, a tarefa mais difícil: colocar a cultura científica em estado de mobilização permanente, substituir o saber fechado e estático por um conhecimento aberto e dinâmico, dialetizar todas as variáveis experimentais, oferecer enfim à razão razões para evoluir (BACHELARD, 1996, p. 24).

Nessa perspectiva, espera-se de um pesquisador e crítico cultural, um “espírito inventivo”, capaz de “deformar conceitos primitivos” e flagrar no nosso campo de estudo o entre-lugar que possa identificar os eventos que provocam as feridas. Espera-se ainda uma inversão de conceitos na descoberta de possibilidades, uma busca de proposições, afinal devemos desconfiar das nossas certezas e convicções, ou seja, se não é isso e nem aquilo, então é uma construção.

É importante salientar que o objetivo desse estudo não é problematizar somente a relação de forças que envolve o uso das tecnologias digitais nas práticas escolares, ou como ocorre o processo da leitura (impressa e/ou digital), nessas trocas simbólicas e discursivas de usos, muito pelo contrário, o objetivo é pensar também no uso dessas tecnologias como um espaço de ressignificação e de possibilidades para a produção e circulação do conhecimento.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensar numa sociedade contemporânea que se caracteriza por rápidas e sucessivas transformações, é pensar também numa educação que atravessa a era digital, criando diversas possibilidades de expressão e comunicação, além de diferentes formas de interagir, comunicar, informar e educar. Entretanto, é preciso problematizar o uso que se faz das tecnologias digitais nos diversos espaços sociais, atentar se realmente é efetivo nas escolas ou se opera apenas como mais um dispositivo de controle social e um meio de reprodução e/ou alienação dos sujeitos.

Em suma, que possamos ressignificar também o papel das tecnologias digitais nesse processo de circulação cultural, não apenas como um dispositivo reducionista de controle social ou uma ferramenta com fim em si mesma, mas também como um lugar de possibilidades que aponte para além do que já existe, e dentro desse universo de possibilidades, funcione como uma ferramenta de crítica cultural capaz de mobilizar, desmontar e transgredir.

Para concluir, mas deixando um mapa em aberto, cheio de fendas e inquietações, acredito que as práticas de letramento digital na escola perpassam por uma série de tensões e enfrentamentos. Todavia, vivemos na era da sociedade da informação e a nossa escola não pode fechar os seus muros para isso, tampouco furtar dos alunos o direito a esse acesso.

## REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. *A formação do espírito científico*. Trad. Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

BAUDRILLARD, Jean. *Simulacres et Simulation*. Paris: Galilée, 1981.

DELEUZE, Gilles & GUATARRI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

KLEIMAN, Ângela B. (Org.). *Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita*. 6ª ed. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2003. 294p.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. Tradução: Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed. 34, 2009.p.49.

MIGNOLO, Walter D. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. Trad. Ângela Lopes Norte. *Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Literatura, língua e identidade*, nº 34, p. 287-324, 2008.

SANTOS, Boaventura dos. Introdução: para ampliar o cânone da produção. In.: *Produzir para viver: os caminhos da produção não capitalista*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2005, p. 23-32.

